

O FEMININO, O MASCULINO E A BICICLETA: PARADIGMAS DE GÊNERO CONSTRUÍDOS NO VESTUÁRIO OCIDENTAL

THE FEMININE, THE MASCULINE AND THE BICYCLE:
PARADIGMS OF GENDER BUILT IN WEST APPAREL

Natália de Noronha Santucci *
Joana Bosak de Figueiredo **

* Mestranda em História pela PUC-RS.
Especialista em Moda, Mídia e Inovação pelo Senac-RS.
✉ nataliasantucci@gmail.com

** Dra. em Literatura Comparada,
Profa. do Bacharelado em História da Arte da UFRGS, líder do grupo de pesquisa em História da Arte e Cultura de Moda/CNPq
✉ joanabosak@gmail.com

Resumo

Este artigo procura dialogar com duas discussões muito presentes atualmente – as questões da expressão de gênero na aparência e o uso da bicicleta nas grandes cidades. Desta forma, temos como objetivo pontuar os elementos da indumentária que, através dos tempos, tornaram-se componentes dos paradigmas da identidade de gênero na sociedade ocidental. Observaremos que, desde a Antiguidade, houve períodos nos quais os padrões estéticos feminino e masculino aproximaram-se ou se distanciaram, por vezes representando rupturas mais intensas com os modelos vigentes. Abordaremos aqui algumas influências de idealizações e de contextos sociais manifestados nos trajes e o que consideramos como os principais momentos de diferenciação. Será visto, sobretudo, o final do século XIX e o papel da bicicleta na desconstrução do rígido padrão de vestuário feminino, no qual não era permitido o uso de calças por mulheres em ambientes sociais. Por último, serão tratadas brevemente as relações entre o feminino, o masculino e a bicicleta durante o século XX e o início do XXI.

Palavras-chave: História da Moda. Identidade de gênero. Bicicleta.

Abstract

This article seeks dialogue with two very present discussions today - gender expression in appearance and the use of bicycles in big cities. We aim to point out the sartorial elements that, over time, have become components of the paradigms of gender identity in Western society. We will observe that, since Ancient Times, there were periods in which female and male aesthetic approximated or distanced themselves, representing sometimes more intense breaks with the existing standards. We will discuss some influences of idealizations and social contexts manifested in costumes and the key moments of differentiation. We will see, especially, the late nineteenth century and the role of the bicycle in the deconstruction of female clothing standard in which the use of trousers by women in social environments was not allowed. Finally, the relationship between the feminine, the masculine and the bicycle during the twentieth century and early twenty-first will be briefly treated.

Keywords: History of Fashion. Gender identity. Bicycle.

1 Introdução

As discussões acerca de gênero e identidade sexual atualmente estão muito presentes, seja na mídia ou em ambientes acadêmicos, devido à sua amplitude. Estes tópicos tangem tanto à sociologia e à psicologia quanto à moda e aos processos industriais ligados a esta, o que permite, neste estudo, traçar um panorama que posteriormente poderá ser retomado em um estudo mais aprofundado sobre a construção social do feminino e do masculino por meio do vestuário. Neste momento, apenas algumas questões serão consideradas as mais relevantes para a condução do levantamento aqui proposto: Quais são os elementos na indumentária que definem o feminino, o masculino e quais os diferenciam? Por que a bicicleta possui relevância quando se discute gênero e comportamento? Observando a construção das identidades de gênero por meio do vestuário e de hábitos socialmente aceitos, qual é a situação do feminino, do masculino e da bicicleta no início da década de 2010 no Brasil, por tanto tempo herdeiro dos costumes europeus? Essa situação oferece possibilidades de inovação no vestuário? A resposta para essas questões será fundamentada pela análise de dados e conceitos

apresentados por Diana Crane, Anne Hollander, João Braga, Maria Alice Ximenes e outros autores que contribuiriam com informações complementares.

Conforme Braga (2005), a diferenciação dos gêneros ocorre desde a Antiguidade, sendo posteriormente reforçada ou enfraquecida em outros momentos históricos – conforme será visto no decorrer deste texto – pelas classes sociais mais altas, sobretudo nas potências da Europa.

O uso da bicicleta, por sua vez, popularizado no final do século XIX, apresenta-se, junto a outras práticas esportivas, como um elemento de ruptura com paradigmas de comportamento dessa época, possibilitando novas formas de sociabilidade e aproximando o feminino e o masculino. No início do século XXI, o veículo reaparece com destaque no cenário urbano, sendo relacionado mais uma vez a questões de vestuário e quebra de conceitos arraigados.

No item Paradigmas históricos de gênero será feita a abordagem da distinção dos gêneros desde a Antiguidade até o século XVIII, e serão pontuados os principais elementos de diferenciação encontrados. Em seguida, em O feminino, o masculino e a bicicleta, serão apresentados os elementos dos trajes, do pensamento e dos hábitos que, em conjunto com as roupas ou em contraste a elas, demonstram a construção dos papéis de gênero durante o século XIX, desde o império napoleônico até a popularização das práticas esportivas. Por último, em Século XX, Século XXI, será feita uma comparação entre o início de ambos os séculos no que tange à construção de identidade de gênero, aos elementos do vestuário, às tendências de comportamento e às rupturas; também se analisará se este cenário aponta para alguma possibilidade de inovação nas roupas.

2 Paradigmas históricos de gênero

Em uma observação superficial, a indumentária dos povos da Antiguidade pode parecer idêntica para homens e mulheres, porém, uma análise um pouco mais cuidadosa revela detalhes dessas roupas que caracterizam distintamente o feminino e o masculino. Embora não sejam tão acintosos quanto os que diferenciarão os gêneros no período vitoriano, por exemplo, alguns elementos de distinção entre a indumentária feminina e masculina eram comuns aos povos de Creta, Grécia, Etrúria – região que atualmente faz parte da Itália – e Roma: em todos esses lugares, o traje feminino era composto por túnicas ou saias

longas (BRAGA, 2005). Os homens, por outro lado, utilizavam ocasionalmente vestes longas, como em cerimônias, mas usualmente vestiam-se com túnicas, ou peças equivalentes, curtas.

Curiosamente, conforme Braga (2005), as cinturas afuniladas eram comuns a homens e mulheres em Creta, que iniciavam essa prática com um cinto, desde a infância; também, ambos os sexos mantinham os cabelos longos. Na Grécia, os valores estéticos sobrepunham-se aos valores eróticos mas, ainda assim, o comprimento da roupa cotidiana era um diferencial.

Já na Idade Média, Braga (2005) observa que essa mesma diferenciação ocorria nas roupas dos povos bárbaros e, novamente, a indumentária masculina era mais curta que a feminina. Durante o período gótico, a roupa masculina confirmou a tendência de encurtamento, enquanto a feminina mantinha-se longa, chegando a tocar o chão. Em relação a esse período, Hollander (1996) comenta que os primeiros avanços na moda europeia com caráter revolucionário possuem ligação com o traje masculino, a partir do desenvolvimento das armaduras, no final do século XII, e das peças em linho, criadas pelos armeiros para serem utilizadas por baixo delas – essas peças teriam sido imitadas rapidamente pela moda masculina.

Por outro lado, Calanca (2008) aponta o nascimento da moda ocidental cerca de cento e cinquenta anos depois, em meados do século XIV, quando, pela primeira vez, as roupas apresentam uma diferença visual radical “que distingue com clareza o sexo de quem a veste: curto e apertado para o homem; longo e aderente ao corpo para a mulher” (CALANCA, 2008, p.51). Segundo a autora, essa ruptura com o antigo modo de vestir, mais uniformizado, é o ponto mais importante para a nova concepção do vestuário ocidental. Esta nova indumentária de origem desconhecida foi difundida pela Europa na metade do século XIV e já apresentava a sexualização da aparência por meio da diferenciação muito visível entre masculino e feminino (CALANCA, 2008).

Pouco antes do início da Idade Moderna, a figura que desafiou os paradigmas de gênero propostos até então e adotou um visual que embaralhava as identidades de gênero foi Joana D’Arc. Suas roupas pareciam despudoradas, pois andava com a cabeça descoberta e exibindo as pernas, sem fingir que era um homem – o que contribuiu para construir uma reputação de feiticeira e prostituta (HOLLANDER, 1996).

Ainda na Idade Média, contrariando parcialmente a moralidade religiosa vigente, houve o aumento do decote nas roupas femininas e, a partir de então, “a exposição seletiva da pele seria um tema feminino” (Id., p.67). Durante o Renascimento, surgiram o rufo, que era utilizado tanto por homens quanto por mulheres, e o corpete, que, fazendo parte de um novo formato de vestido, em duas peças, poderia ser rígido como as roupas masculinas, baseadas em armaduras (BRAGA, 2005; HOLLANDER, 1996). De acordo com Braga (2005), nesse momento a moda feminina passa a ter um gradativo compromisso de sedução devido à ênfase ao decote e à cintura.

Entre os séculos XVI e XVIII, a corte de Versalhes tornou-se referência em novos padrões sociais e moda. A renda esteve em voga tanto em roupas femininas quanto masculinas, tendo a moda masculina um desenvolvimento mais acentuado (BRAGA, 2005). Elementos dos trajes masculinos eram utilizados em roupas femininas com a intenção de conceder a elas alguma ousadia – porém, entre eles não estavam as calças, pois eram proibidas para mulheres (HOLLANDER, 1996).

Hollander (1996) relata que, até meados do século XVIII, bordados e outros ornamentos ostensivos permaneciam adequados aos homens, ainda que o conjunto “calça-casaco-camisa-gravata-colete” já estivesse em uso. Em seguida, o traje masculino foi simplificado e tornou-se mais parecido com o que existe hoje, conforme será observado no próximo item.

Em sentido oposto a esta simplificação, o vestuário feminino chegou novamente a situações extremas em termos de ornamentação, constrição do corpo e peso. Hollander (1996) apresenta dados dos quais se apreende as possíveis justificativas para esse nível tão alto de contraste. O primeiro ponto que a autora levanta é quanto ao vestuário masculino ser esteticamente superior e ter formas mais avançadas desde a Idade Média, enquanto o vestuário feminino permaneceu essencialmente o mesmo, com alterações sutis e eventualmente temporárias, “variando a sua estrutura básica somente de acordo com as regras antigas” (HOLLANDER, 1996, p.66). O segundo ponto é que, por volta de 1675, surgiram as primeiras modistas profissionais, e “o momento marcou o começo de uma divergência fundamental nas roupas dos dois sexos que afetou todo o século XVIII, alcançou seu ápice no século XIX” (Id., p.88). A partir desses dois pontos, é possível observar que a moda feminina se desenvolveu sobre uma base extremamente conservadora, reservando às novidades predominantemente

o papel de ornamentação, que era a especialidade destas modistas. Ao mesmo tempo, complementando a distinção de gêneros no vestuário, até o século XVII, tecidos, cores, aviamentos e padrões técnicos eram semelhantes para homens e mulheres e, após 1660, o vestuário masculino passou a ser confeccionado em tecidos escuros ou foscos, enquanto o feminino tinha cores leves (Ibid., p.66-68).

Durante o reinado de Maria Antonieta na corte de Versalhes, o conceito de moda tomou a forma como é compreendido hoje. As “alterações do padrão de vestuário aconteceram muito mais rapidamente do que nos séculos anteriores, devido também à invenção de máquinas que possibilitaram o desenvolvimento da indústria têxtil” (SANTUCCI, 2011, p. 26). Nesse período, o vestuário atingiu um ponto extremo de exagero e desconforto, mas, já perto do fim do reinado, a própria Maria Antonieta adotou um estilo simplificado, com influência campestre. A Revolução Francesa, em 1789, de acordo com Lurie (1997, p. 152),

[...] libertou os dois sexos provisoriamente, e os homens permanentemente, da necessidade de propagar sua impotência aristocrática. As roupas masculinas se tornaram, e assim permaneceram desde então, no mínimo, moderadamente confortáveis.

Ainda que a revolução tenha inicialmente promovido grandes mudanças, será visto no item a seguir como o papel social da mulher e seu vestuário, aos poucos, reaproximaram-se do modelo aristocrático de Versalhes.

3 O feminino, o masculino e a bicicleta

Durante o século XVIII, filósofos como Jean-Jacques Rousseau e Charles de Montesquieu contribuíram para a construção de uma visão misógina em relação à mulher – era herdeira “natural” das paixões e da imaginação, permanentemente em estado infantil e com a faculdade intelectual inferior, não podendo enxergar o mundo além da esfera doméstica. Era um ser belo e desprovido de raciocínio, criado para ser usado e estar à disposição para servir e fazer a felicidade do homem (CALANCA, 2008). Embora essa definição seja notadamente preconceituosa – ou tendenciosa – muito dela norteou o comportamento e o estabelecimento dos papéis sociais do século XIX.

Considerando que o vestuário masculino e feminino era uma ilustração da expectativa sobre a relação entre homens e mulheres (HOLLANDER, 1996), e que, na virada do século XVIII para o XIX, as mulheres integrantes do povo revolucionário tentaram obter participação política, é compreensível que, para os homens que estavam no poder, essa “redefinição do espaço social entre os sexos” representava uma ameaça à sua hegemonia (XIMENES, 2011, p.37). Para estes homens, as roupas eram uma expressão de liberdade e individualidade, e, desta forma, o uso de calças por mulheres era inaceitável (CRANE, 2006) – afinal, se eram “crianças” ou “objetos” de uso masculino, esta emancipação era indesejada. Sendo assim, no “início do século XIX, a calça feminina foi proibida por lei na França; para usá-la, era necessária uma permissão especial da polícia” (Id., p.230).

Em um primeiro momento após a Revolução Francesa, que teve seus ideais influenciados por aspectos políticos greco-romanos, a moda também foi influenciada por essas culturas. A roupa feminina teve como referência a indumentária das gregas da Antiguidade, passou a ser confeccionada em tecidos leves e vaporosos, e exibia o corpo de maneira inédita pela transparência e pelo encurtamento das saias, que chegaram à altura das canelas (BRAGA, 2005). O império napoleônico estabeleceu diversas políticas ligadas à indústria têxtil e ao vestuário, como o embargo comercial à Inglaterra, em 1806, que se fortalecia economicamente com a produção têxtil obtida pelo desenvolvimento industrial; o veto à importação de mousseline de sua colônia, a Índia e, para incrementar a indústria francesa, Napoleão estabeleceu à corte um novo luxo, inclusive proibindo que as damas repetissem publicamente seus vestidos (BRAGA, 2005; XIMENES, 2011). A partir de então, foi nas roupas das mulheres que as representações idealizadas e exibições de poder aquisitivo dos homens manifestaram-se – a mulher vestida passa a ser utilizada como uma vitrine das riquezas e fantasias masculinas, por vezes corporificando formas incoerentes com sua atitude recatada e cheia de pudor (XIMENES, 2011).

É bastante comum observar a diferença entre a silhueta das roupas no decorrer dos séculos em detrimento do recorte sociopolítico, mesmo que este seja fundamental para a compreensão dos motivos para uma determinada roupa ser predominante ou marginal em uma época, assim como para o entendimento das dinâmicas da moda contemporânea que permanece intimamente ligada aos

significados atribuídos socialmente e sofrendo interferências políticas, de forma bastante similar ao que ocorria no início do século XIX. Em meados de 1820, com a difusão do Romantismo, as roupas femininas passaram a ilustrar a idealização da mulher etérea, embora não houvesse nada de intangível nos muitos quilos de tecido utilizados na elaboração dessa indumentária. Observando a literatura da época, a figura feminina é retratada como uma criatura pálida, a “virgem do mar” ou “anjo”, e aparece banhada em sonhos ou em leitos de flores (AZEVEDO, 1998). Ainda, conforme Baudelaire (1996, p.58), “está perfeitamente nos seus direitos e cumpre até uma espécie de dever esforçando-se em parecer mágica e sobrenatural; é preciso que desperte admiração e que fascine; ídolo, deve dourar-se para ser adorada”. Esses exemplos demonstram um pouco dos valores estéticos e comportamentais incorporados nas (e pelas) mulheres do século XIX.

Desta forma, os estilos adotados seguiam um padrão geral bastante antigo e conservador. Tinham a função simbólica de demonstrar o distanciamento feminino do mundo físico e das ocupações masculinas: os chapéus “boneca”, por exemplo, interferiam em sua visão e conferiam recato, e a vestimenta das mulheres de classes média e alta era utilizada como forma de marketing pessoal para obterem um bom casamento – considerado a carreira feminina ideal – ou apresentar-se adequadamente a seu grupo social, demonstrando o valorizado ócio aristocrático (CRANE, 2006; HOLLANDER, 1996; XIMENES, 2011).

Por volta da metade do século, nos Estados Unidos, a militante feminista Amelia Bloomer propôs a primeira experiência de reforma no vestuário feminino, um traje composto por um corpete, uma saia até os joelhos e calças turcas presas aos tornozelos, que ficou conhecido como Bloomer, e foi recebido com hostilidade, pois

[...] a ideologia da época estipulava identidades de gênero fixas e enormes diferenças - físicas, psicológicas e intelectuais - entre homens e mulheres. O ponto de vista dominante não deixava espaço para ambiguidades na identificação sexual e não abria nenhuma possibilidade de evolução ou mudança nos comportamentos e atitudes estabelecidos para os contingentes de cada gênero (...) a roupa vitoriana constituía uma forma de controle social que contribuía para manter as mulheres em papéis dependentes e subservientes (CRANE, 2006, p. 228-9).

Talvez o homem vitoriano temesse que esse novo traje sugerisse uma insubordinação que pudesse se difundir e privá-lo de seu “objeto” de ostentação mais precioso; por isso apresentaram sua contrariedade ao traje de maneira tão enfática. Paralelamente, e em sentido oposto, o vestuário masculino, que havia se simplificado ainda no século XVIII sob influência dos ideais neoclássicos e do precursor dândi George Bryant “Beau” Brummell, também incluiu algum desconforto da moda e gastos conspícuos, mas manteve as formas simples e as cores discretas (HOLLANDER, 1996).

Até o fim do século XIX, os elementos de diferenciação de gêneros mantiveram-se basicamente os mesmos – embora a silhueta feminina se alterasse e as viúvas adotassem a cor preta em suas roupas, por influência da rainha Vitória. O mais marcante deles parte do paradigma construído a partir da Idade Média e constante até meados do século XX: certamente, era o uso de calças pelas mulheres da elite, o que foi parcialmente rompido pela primeira vez por meio da prática do ciclismo.

Mesmo que os esportes não fossem acessíveis a elas nesse período, as operárias em seus locais de trabalho já rompiam com o modelo hegemônico de elegância e decoro, estabelecido no período vitoriano, geralmente em lugares remotos – no campo, no litoral, em minas de carvão, usinas siderúrgicas e olarias – e, desde o século XVI, já adotavam calças e outras peças bifurcadas. No entanto, a adoção de itens tradicionalmente masculinos não tinha intenções rebeldes; eram utilizados apenas para facilitar suas atividades (CRANE, 2006).

Na década de 1880 houve uma onda de propostas de reforma no vestuário, que sugeriam em diversos momentos a extinção dos espartilhos e o uso de saias-calças (CRANE, 2006), por exemplo. Apresentaram-se argumentos favoráveis a um vestuário feminino racionalmente composto, considerando inclusive que a ornamentação das roupas era prejudicial à razão, à saúde, à moral e ao intelecto das mulheres – porém foi uma investida mal planejada (HOLLANDER, 1996).

De acordo com Crane (2006), os discursos hegemônicos são apoiados por grupos mais poderosos, enquanto as propostas de rupturas tendem a ser sustentadas por minorias, como intelectuais e artistas. Contudo, com o tempo, o impacto social desses posicionamentos muda em função de transformações socioeconômicas e, na virada do século XIX para o século XX, essa ruptura foi viabilizada pela popularização dos esportes – principalmente o ciclismo. Se os

esportes existentes até o momento eram considerados atividades masculinas, o surgimento desse novo esporte, não identificado com o gênero, possibilitou uma alteração nas fronteiras simbólicas estabelecidas pelo vestuário, sobretudo em público, visto que exigia espaço para ser praticado (Idem). Além disso, “o ciclismo também se distinguia das recreações anteriores por ser praticamente impossível praticá-lo com as roupas elegantes da época” (Ibid., p.242); os trajés mais adequados contrariavam muito do que estava em voga de acordo com os valores hegemônicos da época – eram a saia-calça, os bloomers, as saias na altura dos tornozelos – e ainda eram malvistas por diversos grupos, inclusive a classe operária (Ibid.).

O ciclismo “marca o momento em que tem origem a concepção moderna de vestuário: o uso de calças por mulheres, sua emancipação e liberdade física” (MONIER apud CRANE, 2006 p. 243), pois “levou as mulheres a começar a usar, em espaços públicos urbanos, roupas que antes eram usadas apenas em espaços marginais” (CRANE, 2006, p. 469). Em 1892, na França, embora as bicicletas fossem muito caras e, por isso, houvesse um número reduzido de ciclistas, o ministro do interior suspendeu a proibição do uso de calça por mulheres, para que pudessem praticar o ciclismo (CRANE, 2006).

Esse impacto causado pela popularização da bicicleta aparentemente não foi uma questão isolada de um modismo que casualmente tornou-se muito popular, mas um conjunto de pontos, como o desejo latente de utilizar roupas que permitissem mover o próprio corpo e aproveitar “a sensação física de flexibilidade e articulação dos membros e do tronco sem atividade vigorosa” (HOLLANDER, 1996), o próprio prazer da atividade, ao lado da curiosidade por explorar um mundo externo, antes permitido apenas aos homens, e as novas possibilidades de sociabilidade.

Ximenes (2011) aponta o século XIX como o do surgimento de novos espaços de convívio social – a ópera, o teatro e os bailes – e podem-se incluir nessa lista a frequência a balneários e parques. Nestes últimos, o ciclismo era praticado tanto por homens quanto por mulheres, como é possível observar no quadro *Chalet du Cycle in the Bois de Boulogne*, de Jean Beraud, mencionado pela mesma autora.

Embora a bicicleta tenha conseguido romper o paradigma do uso de peças bifurcadas por mulheres, a aceitação destas roupas não foi imediata, como será observado a seguir.

4 Século XX, século XXI

Neste item serão pontuados alguns momentos dos séculos XIX e XX para que se estabeleçam vínculos lógicos que possibilitem traçar um paralelo comparativo sobre a situação do feminino, do masculino e da bicicleta no início da década de 2010.

Além do Bloqueio Continental contra a Inglaterra, Napoleão Bonaparte empreendeu invasões a outros países, o que causou a transferência da Família Real portuguesa para o Brasil em 1808. Isso promoveu profundas alterações na colônia, que assumiu o posto de metrópole e, menos de quinze anos depois, tornou-se independente da coroa lusitana. Aos poucos o país incorporou suas próprias dinâmicas sociais, políticas e culturais – ainda que fortemente influenciadas pelos hábitos e valores europeus – e com o vestuário não foi diferente. De acordo com Bonadio (2007), as mulheres da corte adotaram, mesmo sob temperaturas tropicais, tanto os modelos quanto os tecidos provindos da Inglaterra, importando, por consequência, a clara distinção entre gêneros e o desconforto de crinolinas, espartilhos e excesso de tecidos.

Ao fim do século, as novas práticas esportivas também chegaram ao Brasil – inclusive o ciclismo e sua indumentária. De acordo com Melo e Schetino (2009), pouco antes da virada do século já existiam velódromos em São Paulo, construído em 1895, e no Rio de Janeiro, provavelmente inaugurado em 1894. Registros da época, feitos pelo fotógrafo Virgílio Calegari, mostram o velódromo de Porto Alegre e mulheres da alta sociedade vestindo trajes de ciclismo muito semelhantes aos das europeias.

No Brasil, o ciclismo ganhou um aspecto diferente do que apresentava nos países do hemisfério norte. Quando praticado por mulheres, não tinha a mesma conotação política que nos Estados Unidos, por exemplo, e, como prática competitiva, logo foi identificado como atividade masculina, assim como os demais esportes (MELO e SCHETINO, 2009). De qualquer maneira, no início do século XX, “a presença feminina é cada vez mais constante nas competições esportivas, no teatro, no cinema e nos salões” (Id., p.123); ou seja, em conjunto com as novas dinâmicas das cidades brasileiras, o esporte proporcionou mais uma possibilidade de socialização, de participação do convívio social em vez do confinamento no lar, embora algumas vezes essa participação fosse apenas como espectadora, e abriu um precedente quanto às maiores alterações no vestuário feminino, que se consolidariam nas décadas seguintes.

Crane (2006) sugere que, se no século XIX tentassem prever como as mulheres se vestiriam no início do século XXI, seria necessário considerar o vestuário das mulheres mais marginais. A autora pontua que o conceito de moralidade refletiu-se geralmente nas roupas e oscila conforme a orientação religiosa e cultural e a distribuição de riqueza. Exemplifica que as pernas femininas ficaram escondidas até a Primeira Guerra Mundial – na década de 1910 ainda não era aceitável que mulheres comuns usassem calças nas ruas. É possível observar que as guerras e crises durante o século XX foram catalizadores poderosos para que muitos paradigmas de organização social e vestuário fossem se fragmentando.

As roupas femininas e masculinas atravessaram diversos momentos de aproximação e distinção, entretanto foi o vestuário masculino que passou a ter possibilidades mais restritas. Podem ser destacados, a partir de então, para ilustrar alguns desses momentos, a masculinização e simplificação da moda feminina nos anos 1940, ocasionadas pelas restrições da guerra, e o uso da saia-calça e das bolsas a tiracolo para andarem de bicicleta, que na época tornou-se o principal meio de transporte (BRAGA, 2005). Segundo Santucci (2011, p. 42), “no vestuário feminino [dos anos 1950], a silhueta com cintura fina e saias volumosas remetia ao século XIX, como uma releitura da mulher ideal vitoriana”, mas, indiferente à nostalgia desse modelo, estabelecido pelo New Look lançado em 1947 por Christian Dior, a transexualidade no vestuário e a simplificação das roupas passou a ter cada vez mais espaço. Na mesma década, no Brasil, o artista plástico Flávio de Carvalho, que publicava artigos sobre moda no Diário de São Paulo, realizou a Experiência nº3, propondo um novo traje de verão para os homens, que incluía uma saia. Para Lotufo,

[...] ao sugerir uma roupa masculina com as características de seu Traje de Verão, Flávio de Carvalho também estaria retornando ao primitivo, ou seja, a igualdade entre gêneros utilizando-se das formas fecundantes, em detrimento ao uso de calças, paletós e gravatas, que por 150 anos permaneceram como única indumentária usada pelos homens (LOTUFO, 2006, p. 346).

Apenas nos anos 1960, quando Yves Saint-Laurent lançou o smoking feminino, as calças começaram a se tornar uma peça aceita no vestuário de qualquer mulher, desde as operárias às mais sofisticadas de classes altas.

Já no final do século, Braga comenta que, nos anos 1980, “não havia mais tanta diferença entre as linguagens de moda tanto para os homens quanto para as mulheres” (2005, p.97), enquanto Hollander lista uma série de elementos tradicionalmente femininos absorvidos pelos homens – como brincos e cabelos compridos – e comenta que eles “reaprenderam com as mulheres principalmente a serem mutáveis e múltiplos, decorativos e cheios de cor, e a redescobrir seus cabelos”. Entretanto, ao mesmo tempo em que a sociedade internalizou o uso de itens masculinos por mulheres – “as roupas masculinas agora são femininas também” – ainda é tabu o “material simbólico feminino mais antigo”, como saias e decotes (1996, p.224).

No início do século XXI, são observáveis, por meio de notícias, alguns paradigmas do vestuário que se formaram e agora são passíveis de discussão, estando longe de serem assuntos concluídos. Tendo em vista a definição de *Zeitgeist*, que “identifica o clima geral intelectual, moral e cultural, predominante em uma determinada época” (CALDAS, 2004, p.71), é possível analisar brevemente quatro situações distintas que indicam o recente surgimento de uma busca dos homens pela libertação do paradigma de masculinidade inscrito nas roupas nos últimos séculos. Em 2007 foi fundada na França a *Association Hommes en Jupe*, entre cujos objetivos estavam auxiliar o retorno da saia ao vestuário masculino e reduzir a intolerância contra os homens de saia. Em maio de 2013 foi noticiado um protesto na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP), no qual vários os alunos homens compareceram usando saias “em apoio a um estudante da USP Leste, que, no final de abril, foi hostilizado por colegas nas redes sociais por ter ido às aulas vestido de saia” (LIRA, 2013). Em junho do mesmo ano, circulou a notícia de que maquinistas da rede ferroviária de Estocolmo estavam utilizando saias como uma alternativa confortável para enfrentar o calor durante o verão sueco – seria um protesto contra a proibição do uso de bermudas estabelecida pela empresa (ASSOCIATED PRESS, 2013). No final do mesmo mês, as notícias sobre os desfiles na França mencionavam:

Flores, saias estampadas, rendas delicadas: a Semana de Moda masculina de Paris exhibe toques femininos em suas coleções para primavera-verão de 2014, como na passarela do dinamarquês Henrik Vibskov, nesta sexta-feira, e do belga Dries van Noten, que redesenharam a separação entre os gêneros (AGENCE FRANCE-PRESSE, 2013).

Paralelamente, a luta feminina contra antigos conceitos misóginos e alguns significados conservadores atribuídos a determinados tipos de roupa, que eventualmente também estão associados a casos de violência contra a mulher, permanece ativa e cercada de controvérsia, como podemos verificar a partir da existência de movimentos como a Marcha Mundial das Mulheres e o Pinkstinks¹.

¹ Movimento britânico iniciado em 2008, que milita contra o sexismo presente em produtos para crianças, frequentemente concebidos na cor rosa quando são destinados a meninas. Página oficial: www.pinkstinks.co.uk.

Quanto à bicicleta, nesta década ela reaparece integrando novas causas. Se, no final do século XIX, era um veículo de libertação para as mulheres, no início do século XXI abrange outras questões, como a mobilidade urbana e aumento na qualidade de vida, e retoma sua influência nas roupas, que, por sua vez tornam-se ferramentas para a defesa do uso do veículo como transporte nas cidades – como já acontece em vários lugares da Europa – com roupas do cotidiano, e não apenas como objeto de lazer ou esporte. O termo Cycle Chic surgiu na Dinamarca, em 2006, para demonstrar que as pessoas podem circular pelas cidades pedalando com roupas comuns e, pouco tempo depois, este conceito foi transformado em um movimento social em diversas partes do mundo (PEDROSO, 2010).

5 Considerações finais

Após todas as considerações sobre identidade de gênero expressas nas roupas e a observação da situação na década de 2010 feita anteriormente, as questões propostas inicialmente podem ser sintetizadas neste tópico.

Embora ainda existam distinções, por vezes bastante notáveis, o início do século XXI é um momento em que o feminino e o masculino encontram-se em aproximação, uma situação bastante diferente daquela do início do século XIX, por exemplo. Ainda existem elementos diferenciadores, como a exaustiva aplicação da cor rosa em produtos femininos e a imposição de peças bifurcadas para homens, ainda que nenhum desses dois exemplos sejam restritos exclusivamente a um ou a outro gênero.

A bicicleta, atualmente em alta de popularidade e controvérsia, pode não estar mais atrelada a questões de gênero, mas, em muitos lugares, inclusive no Brasil, alia-se ao vestuário e figura como um forte ícone na busca por cidades com mais qualidade de vida. Tanto a bicicleta quanto o vestuário podem ser vistos como sinalizadores de segurança, uma vez que as pessoas frequentemente precisam se sentir confiantes para pedalar nas ruas, assim como para vestir

certas roupas, sobretudo as mulheres, que ainda enfrentam muitos casos de violência de gênero e assédio verbal – o nível de erotização do corpo feminino mesmo quando totalmente coberto é muito alto, e é simultâneo à infantilização das mulheres, dois fatores que podem contribuir para que não se sintam à vontade para circular tão expostas.

A multiplicidade de possibilidades disponíveis e almejadas – observadas ao abordar o cenário contemporâneo – podem servir como ponto de partida tanto para fomentar estudos segmentados e mais aprofundados sobre cada um dos elementos aqui apresentados, como também podem fornecer oportunidades para o mercado de vestuário, que tem potencial para oferecer as inovações e adequações necessárias para atender aos desejos de cada um desses grupos, tanto dentro dos segmentos de moda alternativa quanto das marcas tradicionais. Um exemplo disto é a tradicional marca de jeanswear Levi's, que lançou, em 2011, uma linha para ciclistas urbanos (MARQUES, 2012). Embora, em algumas situações e locais específicos, os conceitos de elegância e pudor permaneçam bastante conservadores, a ruptura com o tradicionalmente tido como masculino provavelmente é um nicho de mercado onde a moda contemporânea pode arriscar, por exemplo, realizando a confecção de saias para homens, pois conforme as notícias indicadas, são peças desejadas por parte deles.

A coexistência de diversos grupos sociais, com valores até mesmo antagônicos, impede que exista uma ruptura definitiva com o que seria “roupa de homem” e “roupa de mulher”, mas, da mesma forma que as calças para mulheres foram hegemonicamente aceitas no passado, é possível que nos próximos anos seja aceita uma nova visualidade que se aproxime mais da ideia grega quanto ao valor estético da roupa do que da construção de identidades de gênero por meio das peças utilizadas.

Referências

AGENCE FRANCE-PRESSE. *O poder das flores e saias nos desfiles de moda masculina de Paris*. G1, 28 jun.2013. Pop & Arte. Disponível em <www.g1.globo.com/pop-arte/noticia/2013/06/o-poder-das-flores-e-saias-nos-desfiles-de-moda-masculina-de-paris.html>. Acesso em: 15 set.2013, 11h19.

ASSOCIATED PRESS. *Saia vira uniforme de maquinistas em protesto na Suécia*. O Estado de São Paulo, 10 jun.2013. Economia. Disponível em: <<http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,saia-vira-uniforme-de-maquinistas-em-protesto-na-suecia,156042e>>. Acesso em: 29 mai.2015, 12h11.

ASSOCIATION HOMMES EN JUPE. Informações. Disponível em: <www.facebook.com/asso.hej>. Acesso em: 15 set.2013, 11h05.

AZEVEDO, Álvares de. *Lira dos vinte anos*. Porto Alegre: L&PM, 1998.

BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a modernidade*. O pintor da vida moderna. Teixeira

Coelho (Org.) *Rio de Janeiro*: Paz e Terra,1996.

BONADIO, Maria Claudia. *Moda e sociabilidade: mulheres e consumo na São Paulo dos anos 1920*. São Paulo: Senac São Paulo, 2007.

BRAGA, João. *História da moda: uma narrativa*. 4. ed. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2005.

CALANCA, Daniela. *História social da moda*. São Paulo: Senac São Paulo, 2008.

CALDAS, Dario. *Observatório de sinais: teoria e prática da pesquisa de tendências*. Rio de Janeiro: Senac Rio, 2004.

CRANE, Diana. *A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas*. São Paulo: Senac São Paulo, 2006.

HOLLANDER, Anne. *O Sexo e as roupas: a evolução do traje moderno*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

LIRA, Davi. No protesto do 'saiço', alunos de Direito da USP vão às aulas vestidos de saias. O Estado de São Paulo, 16 mai.2013. Educação. Disponível em: <www.estadao.com.br/noticias/vidae,no-protesto-do-saiaco-alunos-de-direito-da-usp-vaao-as-aulas-vestidos-de-saias,1032462,0.htm>. Acesso em: 15 set.2013, 11h20.

LOTUFO, Flavio Roberto. *Processo criativo de Flávio de Carvalho para sua Experiência nº3*. In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 2, 2006, São Paulo. Anais... São Paulo: IFCH/Unicamp, 2006. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/chaa/eha/atas/2006/LOTUFO,%20Flavio%20Roberto%20-%20IIEHA.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2013.

LURIE, Alison. *A Linguagem das roupas*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MARQUES, Thiago. *Novidades na linha Levi's Commuter*. Mistura Urbana, 05 jul.2012. Geral. Disponível em: <www.misturaurbana.com/2012/07/novidades-na-linha-levis-commuter>. Acesso em: 15 set.2013, 11h.

MELO, Victor Andrade de; SCHETINO, André. *A bicicleta, o ciclismo e as mulheres na transição dos séculos XIX e XX*. Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 17, n. 1, Abr. 2009 Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2009000100007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 set. 2013.

PEDROSO, Eduardo. *Cycle chic: moda ciclista vira movimento*. Portal Usefashion, 05 jul.2010. Notícias. Disponível em: <<http://www.usefashion.com/categorias/noticias.aspx?IdNoticia=87346>>. Acesso em: 15 set.2013, 11h39

SANTUCCI, Natália. *Sandman e Cycle Chic*. 2011. 117f. Monografia de Conclusão de Curso (Bacharelado em Design de Moda). Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, São Paulo, 2011.

XIMENES, Maria Alice. *Moda e arte na reinvenção do corpo feminino do século XIX*. 2. ed. Rio de Janeiro: Senac Rio, 2011.